

*A nossa  
tribuna*

## MOÇAMBIQUE

**Marcelino dos Santos,**

Membro do Bureau  
Político  
do CC  
do partido Frelimo,  
ministro  
dos Negócios  
Estrangeiros

# "Devemos estar sempre prontos para defender a nossa revolução"

**Este ano a República Popular de Moçambique completou 10 anos. Nos últimos tempos ocorreram muitas transformações na vida do jovem Estado. Por encargo da redacção da revista *Ásia e África Hoje* o correspondente do "Gosteleradio" da URSS pediu a Marcelino dos Santos, eminente personalidade política e partidária, para fazer um resumo dos resultados de desenvolvimento do país durante os anos de independência.**

A nossa realização política mais importante foi a transformação em 1977 (dois anos após a proclamação da independência) da Frelimo de um movimento nacional para um partido de operários e camponeses. Este acontecimento foi uma etapa decisiva na via do avanço do país para o socialismo. Actualmente, Moçambique é um Estado de operários e camponeses e todas as iniciativas do partido são orientadas no sentido de firmar, o mais depressa possível, o socialismo na sua terra. A Frelimo realiza um enorme trabalho entre a população, para a criação e activização das organizações sociais democráticas de massas que têm por objectivo atrair todas as camadas sociais para a construção de uma nova vida, formar nos trabalhadores uma elevada consciência política, plantar neles o espírito de luta pelas ideias do socialismo.

O movimento sindical reforça-se. Há dois anos realizou-se o I Congresso da Organização dos trabalhadores moçambicanos. Os seus núcleos forma-

ram-se a partir dos conselhos de produção que até à altura agiam independentemente em todas as empresas, instituições, etc. Consolida-se a Organização das Mulheres Moçambicanas criada ainda durante os anos de guerra pela independência. É muito activa a Organização da Juventude de Moçambique.

Não posso deixar de fazer referência aos "Continuadores", os nossos pioneiros. Esta expressão surgiu ainda durante a luta armada. Nós chamávamos às crianças continuadores da revolução. Deste modo passou-se a chamar a organização de pioneiros e eles justificam-o com honra.

Encontram-se em via de formação várias organizações que reunirão os intelectuais: união dos pintores, escritores, etc.

Uma das grandes conquistas da nossa revolução durante os anos de independência foi a nacionalização de muitas empresas industriais e agrícolas anteriormente pertencentes a particulares, de serviços e instituições.

Convém assinalar que a situação económica, a princípio, era muito dura: os donos brancos que abandonaram à própria sorte as suas fábricas, quintas e empresas transferindo antecipadamente, os seus capitais para o estrangeiro, precipitaram-se para Portugal, ex-Rodésia, África do Sul. A maioria dos especialistas portugueses que trabalhavam em Moçambique seguiram o exemplo deles. O país teve que partir praticamente do zero para organizar o mecanismo económico. Os países socialistas e, em primeiro lugar a União Soviética, prestaram-nos uma ajuda preciosa enviando para Moçambique os seus especialistas nos campos necessários, professores para preparação no local de quadros, abrindo aos moçambicanos as portas dos seus estabelecimentos de ensino.

Moçambique é um país agrário e por isso dispensa-se grande atenção ao aproveitamento das suas zonas de cultivo. Em particular, formam-se aldeias colectivas onde vivem dezenas, centenas de habitantes. Isto possibilita acabar com fenómenos como a dispersão da mão de obra, dos recursos de trabalho em certas aldeias pouco povoadas, criar condições para a organização de economias estatais muito maiores e o emprego nelas das últimas realizações técnicas, a utilização de novos métodos do cultivo da terra e da produção de culturas.

Com a subida ao poder do governo revolucionário, o sistema de educação que foi organizado nos interesses do povo, passou a estar sob o controlo do

Estado e a própria educação no amplo sentido da palavra passou a ser popular. Para as mãos do Estado passou também o sistema de saúde pública. Presentemente, qualquer moçambicano que precise de tratamento pode dirigir-se à clínica ou ao posto médico e pedir para lhe prestarem a assistência necessária sem ter que pagar por ela. Seria, evidentemente, um exagero patente se afirmasse que Moçambique possui em abundância medicamentos, equipamento médico, especialistas capazes de fazer qualquer operação complexa. Não, nós ainda não atingimos um tal nível de desenvolvimento de assistência médica, mas conseguimos que toda a pessoa doente possa consultar o médico, um enfermeiro diplomado sem receio que não possua recursos para lhe pagar pelo tratamento. Ele receberá uma assistência que apesar de elementar será qualificada. E isto já não é pouco se tivermos em consideração que antigamente o doente podia simplesmente morrer sem ter coragem para consultar o médico.

O fundo de habitação foi também nacionalizado. Muitos trabalhadores mudaram-se para casas de pedra com as comodidades elementares. Isto foi um salto histórico peculiar do atraso para a civilização, pois antes quase todos viviam em cabanas no sentido literal da palavra. Existem aqui determinadas dificuldades: o simples trabalhador que ainda ontem vivia sob céu aberto não se pode acostumar de um momento para outro a novas condições, não se desliga imediatamente dos velhos hábitos, não pode vencer a barreira psicológica sem dor. Nós não fechamos os olhos às dificuldades existentes mas lutamos para as ultrapassar. A experiência demonstra que a nacionalização do fundo habitacional foi historicamente justa e politicamente correcta.

O controlo estatal difundiu-se também no serviço jurídico - nos escritórios de advogados. Seria possível antes que uma pessoa simples pudesse consultar um advogado? Não, porque só uma consulta custava uma soma avultada. Agora, em qualquer província de Moçambique do Maputo ao Ruvumu, pode dispor dos serviços do jurista, pagando por isso, uma quantia insignificante.

O resultado de dez anos de desenvolvimento independente foi a elevação do nível da consciência política das massas. Eis um exemplo vivo disso. Este ano, o centro de comemoração do Dia da Solidariedade Internacional dos Trabalhadores 1 de Maio foi a cidade da Beira e não Maputo como de costumava ser.

me. 70 mil pessoas vindas de todos os cantos do país participaram neste cortejo festivo. E quantos não eram os espectadores! Cada fábrica, cada economia estatal, cada instituição manifestaram o máximo de fantasia, de criatividade, de invenção para parecerem mais originais no fundo geral. No conjunto a manifestação tornou-se uma importante iniciativa política revelando o amplo apoio do povo à política do partido, a elevada consciência política dos operários, camponeses e intelectuais do país.

Naturalmente que nem tudo na nossa vida é tão festivo como este cortejo do 1º de Maio. Os últimos quatro anos o país foi arrasado pela seca. As suas consequências destrutivas vêem-se por todo o lado. Casos houve em que pessoas morreram de fome. Como é que nestes casos o Partido Frelimo actuou e actua? Eis alguns exemplos. Nós orientamos a população para a produção daquelas culturas agrícolas que menos sofrem com a seca como, por exemplo, a batata açucareira. Por todo o lado, onde é possível criam-se reservatórios de água não muito grandes. Esta é a actividade directa para a organização da luta contra as consequências da calamidade. Além disso, o Partido conduz uma campanha elucidativa activa. Nós tentamos consciencializar cada um que as verdadeiras razões das consequências nefastas da seca residem não só e não tanto no baixo nível de desenvolvimento da agricultura no país. Elas são mais profundas. A situação existente é o resultado do atraso geral de Moçambique herdado dos colonizadores.

Mas a república tem que resistir não só aos cataclismos. O prejuízo causado pelos bandos armados da chamada Resistência Nacional Moçambicana (RNM), organização contra-revolucionária apoiada pela África do Sul racista, à economia do Estado é incalculável. Para lhes resistirmos nós mobilizamos todos os trabalhadores para rechazar o inimigo. Todos os moçambicanos tornaram-se soldados da revolução e prestam serviço nas fileiras do exército regular ou nos destacamentos da milícia popular. Para aqueles que não sabem manejar as armas ministram-se aulas especiais para a preparação militar para que, em caso de necessidade, possam defender a sua empresa ou habitação do ataque inimigo inesperado.

Enquanto existir o imperialismo manter-se-á ameaça de agressão, e por isso os moçambicanos seguram numa mão os instrumentos de trabalho e na outra a espingarda. Nós estamos prontos pa-

ra rechazar um ataque armado em qualquer altura.

Os racistas da África do Sul, servindo-se dos seus fantoches, os bandidos do RNM, impingem-nos a guerra. Para nós ela é uma guerra popular. Ao combater, nós simultaneamente criamos a economia do tempo de guerra, e ela continuará a desenvolver-se neste sentido enquanto a guerra não acabar. Nós sairemos dela mais fortes e temperados. Contrariamente às esperanças dos inimigos da revolução, aumenta a força do partido Frelimo, o seu prestígio entre os simples trabalhadores. A nossa tarefa é mostrar ao imperialismo que qualquer tentativa para travar o desenvolvimento livre do povo termina com que este povo se una na luta e se torne ainda mais forte.

O acordo Nkomati firmado entre Moçambique e a RAS em Fevereiro de 1984 não é cumprido pela parte sul-africana. Isto só se pode compreender como o desejo das forças do imperialismo aumentar a agressão contra o nosso país. Depois do fracasso do sistema colonial português e do regime de Ian Smith na Rodésia, o estado do "apartheid" tornou-se o principal inimigo das transformações democráticas no Sul da África. Perante nós surgiu um dilema: ou tentar por via pacífica regularizar as relações com a RAS, ou declarar um conflito armado aberto. Optámos pela via de prevenção do conflito militar. De acordo com isto foram determinadas três frentes de acção: militar (contra os bandidos armados da RNM), económica e política. Conseguimos (contrariamente ao silêncio da imprensa ocidental) apoio das amplas camadas sociais dos países ocidentais que criticaram as acções dos seus governos no que concerne ao alargamento das relações com o regime sul-africano. Actualmente, não só nos países socialistas que sempre nos auxiliaram na justa luta do nosso povo, estão a par da verdadeira situação das coisas mas também os europeus ocidentais conhecem que é precisamente Pretória que desempenha um papel principal na criação de instabilidade na região.

Ao assinarem o acordo Nkomati, a República Popular de Moçambique e a RAS tinham em vista objectivos diferentes. Nós queríamos evitar o conflito armado e mobilizar as mais amplas camadas da opinião pública internacional para a organização de acções de massas contra o regime do "apartheid". Mas isto não significava de modo algum a recusa do nosso apoio à luta dos povos da própria África do Sul pela liberdade.

Agora a RAS tenta culpar Moçambique de que do nosso território actuam forças de oposição ao regime sul-africano e por isso a RPM ameaça a sua segurança. Mas isto não passa de subterfúgios lastimosos. Nós sabemos bem o seu valor. Que ameaça pode representar Moçambique para o regime do "apartheid" armado segundo a última palavra da técnica. Estas acusações não custam um tostão furado.

Pelo contrário, as investidas e actos de sabotagem perpetrados pelos bandidos da RNM e apoiadas pelos racistas nas povoações pacíficas e nos objectos civis da república causam grandes prejuízos. Por isso quem ameaça quem? Apesar de tudo, venceremos. A nossa vitória é certa, como é inevitável a derrota dos imperialistas e dos seus cúmplices. A garantia da vitória é que durante todos estes anos da nossa luta pela independência e depois da sua conquista nunca estivemos sozinhos. O auxílio prestado pelos países socialistas foi sempre para nos um apoio esperançado. Agora a nossa união tornou-se mais forte.

Este ano comemorou-se o 40º aniversário da Vitória sobre o fascismo. A contribuição da União Soviética para isso é difícil sobreestimar. Este ano a República Popular de Moçambique festejou o seu 10º aniversário. Foi precisamente a partir do memorável dia 9 de Maio de 1945 que começou a cooperação socialista. Europa, Ásia, América Latina... Agora os representantes de África: Moçambique, Angola, Etiópia e uma série de outros países, optaram pela via da edificação socialista. A experiência histórica convence-nos de que o povo moçambicano sob a direcção do partido Frelimo termina a luta vitoriosa contra os bandidos armados e sairá dela ainda mais forte.

**O material foi preparado por E. Drozdova**

*Marcelino dos Santos*  
„Devemos estar sempre prontos para defender a nossa revolução“